

A MITOPOÉTICA DA COBRA GRANDE NO CORDEL DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA

LA MITOPOÉTICA DE LA COBRA GRANDE EN EL CORDEL DE ANTONIO JURACI SIQUEIRA

Danieli dos Santos Pimentel
Universidade Federal do Pará - UFPA
Breves/Marajó-Brasil

Luiz Guilherme dos Santos Júnior
Universidade Federal do Pará - UFPA
Breves/Marajó-Brasil

Resumo

O artigo se alinha ao projeto de pesquisa que tem o título de “Mito e oralidade no contexto: por uma cartografia das poéticas orais de Breves”, vinculado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó-Breves, projeto este coordenado pela professora Dra. Danieli dos Santos Pimentel, que tem como colaborador o prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior (UFPA). Assim sendo, serão apresentados os resultados parciais obtidos a partir da pesquisa que, em um primeiro momento, desdobrou-se em realizar um levantamento de fontes bibliográficas e literárias sobre o imaginário mitopoético do Arquipélago do Marajó. Nesse contexto, o referido projeto investiga o imaginário mítico do contexto marajoara, em especial, a sobrevivência de práticas da tradição oral no município de Breves. Um dos objetivos da pesquisa é fazer um levantamento e recolha de narrativas do imaginário local no sentido de cartografar os mais variados textos da cultura oral e escrita.

Palavras-chave: Mitopoética; Cobra Grande; Cordel.

Resumen

El artículo está alineado con el proyecto de investigación titulado “Mito y oralidad en el contexto marajoara: para una cartografía de la poética oral de Breves”, vinculado a la Facultad de Artes de la Universidad Federal de Pará (UFPA), Campus Universitário do Marajó- Breves, proyecto coordinado por el profesor Dr. Danieli dos Santos Pimentel, cuyo colaborador es el prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Júnior (UFPA). Por tanto, se presentarán los resultados parciales obtenidos de la investigación que, en un primer momento, implicó realizar un levantamiento de fuentes bibliográficas y literarias sobre el imaginario mitopoético del Archipiélago de Marajó. En este contexto, este proyecto investiga el imaginario mítico del contexto Marajoara, en particular, la supervivencia de las prácticas de tradición oral en el municipio de Breves. Uno de los objetivos de la investigación es estudiar y recopilar narrativas del imaginario local para mapear los más variados textos de la cultura oral y escrita.

Palabras clave: Mitopoética; Gran Serpiente; Cordel

Introdução

É justamente a claridade, a luz que epifanizando a Boiúna, é a luz dos rios amazônicos (Loureiro, 2001, p. 225).

Ao falarmos sobre o contexto da oralidade na Amazônica, é preciso registrar que um dos maiores projetos de extensão e de cunho interdisciplinar é o IFNOPAP – “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís da Amazônia Paraense”, idealizado pelos professores Maria do Perpétuo Socorro Galvão Simões e Christopher Golder, em 1994 na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, que pesquisou, registrou e criou um banco de dados dos mitos amazônicos, bem como das formas orais da cultura popular paraense.

Nessa mesma esteira teórica, podemos destacar as pesquisas “Núcleo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas” (CUMA), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), idealizado pela professora Dra. Josebel Akel Fares, e que, ao longo de duas décadas, orienta trabalhos no campo da literatura oral. O modo de pesquisa realizado por alguns pesquisadores do CUMA estabelece uma conexão teórica e metodológica com o IFNOPAP, estreitando e alinhando interesses comuns ligados por alguns vetores deste último projeto, a partir do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

Nesse sentido, o projeto intitulado “Mito e oralidade no contexto marajoara: por uma cartografia das poéticas orais de Breves” retoma algumas bases teóricas e metodológicas dos projetos mencionados, pioneiros na Amazônia, como também adapta certas propostas ao contexto do Marajó, como, por exemplo, o objetivo de pesquisar e registrar as narrativas do imaginário amazônico. Para tanto, realizou-se o levantamento prévio de fontes bibliográficas da área das poéticas orais, trabalho já bastante avançado por diversos grupos de pesquisa no Brasil e na região Norte. Vale ressaltar que este projeto de pesquisa estabelece uma conexão teórica e metodológica com o CUMA, estreitando e alinhando interesses comuns, ligados por alguns vetores dessa linha de pensamento, apropriando-se também do legado de estudiosos e pesquisadores que fundamentam o pensamento sistêmico das poéticas orais.

De início, teoricamente, a pesquisa se alinha aos pressupostos de Paul Zumthor em livros seminais que ampliaram de vez os trabalhos com a literatura oral, possibilitando, dessa forma, o estudo da “ciência da voz” em diferentes contextos. A pesquisa com a literatura oral e popular busca sustentação no legado zumthoriano: Introdução à poesia oral (1997), Performance, Recepção e Leitura (2000), A letra e a voz (2001) e Escrita e nomadismo (2005). Depois de Zumthor, a estudiosa da oralidade Jerusa Ferreira (1991) deixou um grande legado teórico para as pesquisas que envolvem a tradição cultural de diversas matrizes; além

disso, ela é considerada uma das principais intérpretes e tradutoras do legado de Paul Zumthor no Brasil.

Desde os anos de 1960, década em que a voz ganha um status científico dentro das universidades, as pesquisas também se alargaram, e hoje linha de pesquisa, grupos de trabalho, revistas científicas e periódicos voltados para a área das poéticas orais e literatura popular, abundam cada vez mais.

Já sobre o conceito de mito, tema central que permeia os projetos sobre a oralidade, como explica Eliade (2000), não há necessariamente uma interpretação que possa se ajustar a todas as representações culturais. No entanto, o estudioso explica, em linhas gerais, “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’”. Desse modo, do ponto de vista transcendental, o mito carrega em si uma “sacralidade” e tem uma relação profunda com o sagrado. Como veremos a seguir, a criação dos rios da ilha do Marajó guarda esse aspecto do sagrado, pois relaciona-se com a presença de um ser que, em sua dimensão arquetípica, tem profundas características com as origens criadoras da vida. É assim que a cobra grande é mostrada no cordel de Antonio Juraci Siqueira.

Desenvolvimento

O estudo percorre os caminhos da chamada literatura oral e popular, e seu método consiste em investigar a letra e a voz em diferentes textos da cultura. Para isso, tanto a teoria da literatura oral quanto a cartografia da cultura, por dialogarem entre si e como métodos que se aproximam, oferecem os mecanismos teóricos/metodológicos para esse fim. A cartografia da cultura de Jesús Martín-Barbero (2002, p. 12) procura novos agenciamentos e novas formas de pensar “os mapas cognitivos”; assim o método cartográfico procura “construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos de fuga”, um exercício para olhar os mapas da cultura como algo veloz e mutável. Esse exercício exige uma lógica fractal e os mapas da cultura se movem contra a fixidez. Barbero recupera a imagem dos “mapas meteorológicos” e noturnos, “rápidos”, “mutáveis”, ao mesmo tempo lentos que se movem de maneira quase imperceptível como “placas movediças” e suas “linhas de fratura”. Ante à lógica cartográfica, o pesquisador também é convidado a tecer e destecer novas teias do conhecimento. Por esse viés, o cartógrafo recupera a imagem de Penélope “tecendo e destecendo o mapa das viagens do marido”; o mapa do “mar sonhado e do real, entretecidos no canto de Homero”, reitera o autor.

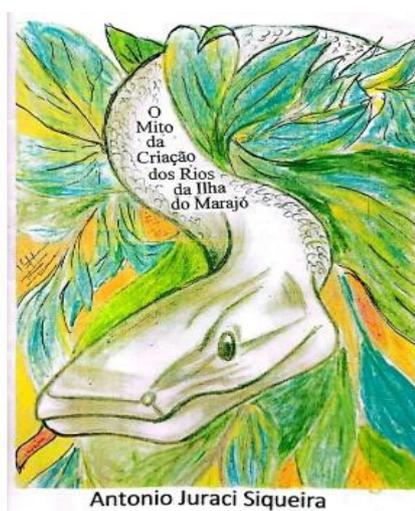
O método cartográfico ajuda a pensar o Marajó como esse mapa que se move no tempo e no espaço, esse arquipélago complexo e mutável, repleto de contradições e que, visualmente, numa olhada panorâmica, lembra-nos a imagem de uma serpente que se move em direção ao

mar formando os sulcos da terra, rompendo barreiras, abrindo fronteiras. Além disso, o arquipélago também se orienta em novas direções, suas ilhas múltiplas e diversas se despregam e desagregam para formar novos mapas.

Pelo viés da cultura, Barbero ensina o caminho das singularidades e a olhar para as ilhas como algo que se expressa textualmente e textilmente (tecer). No campo das poéticas orais, Zumthor propõe um exercício semelhante, ou seja, convida o pesquisador a mapear esses textos da cultura, entender os sinais, novos agenciamentos, urdiduras e um novo olhar cognitivo para a letra e a voz que se manifestam nos mais variados textos da cultura. Desse modo, o cartógrafo adentra o campo da cultura em busca dessa matéria como um viajante que também vai simulando seus mapas mentais e cognitivos.

Com base nos dois autores, o percurso metodológico empreendido apontou a rota do mito da Cobra Grande como importante texto da cultura que sobrevive graças ao legado dos povos originários, a voz que também se simula nos textos, nesse caso, resguardada no cordel de Siqueira, e, nesse serpentear, também traçamos as novas rotas de fuga; como Boioçu criando que se desloca e se move pelos rios do Marajó deixando seus rastros profundos; ou como define Paes Loureiro (2001, p. 12): “centopeia-se o rio/onda mais onda”. Além disso, o mito da Cobra Grande reafirma o valor real e simbólico dos rios da Amazônia e suas encantarias do fundo, o fluxo da vida, a dialética do ir e vir, a regulação dos ciclos, “relógios e calendários da vida”, a própria vida.

Nesse sentido, analisamos o mito da Criação dos rios da Ilha do Marajó, a partir da literatura de cordel do cordelista Juraci Siqueira. Verificou-se que mito da criação dos rios perfaz o imaginário dos povos originários da região amazônica e recupera a voz do indígena Severino dos Santos, da etnia Aruã que, em 1783, relatou ao naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira a variante do mito, conforme dados presentes na edição do próprio cordel.



Capa do Cordel

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

O cordel com texto integral de Juraci Siqueira e ilustração de Sirley Santos recupera o imaginário da mitopoética e recria o mito da criação dos rios, no dizer do escritor que também é poeta e ribeirinho, ao retomar a variante do mito, recupera a matriz ancestral e a voz do passado: “sou poeta ribeirinho sempre atrás de um conto novo; da voz dos meus ancestrais velhas histórias renovo e as prendo, em temas diversos, na tarrafa dos meus versos para entregá-las aos povo (...) E assim sigo plantando no chão, no vento e no mar histórias dos tempos idos prenhes de amor e pesar para serem recontadas por quem quiser e aumentadas a qualquer tempo e lugar” (Siqueira, 2018. P.2).

Nesses versos fica claro o trabalho do poeta em recuperar as vozes que o antecedem e que nos revisitam no presente graças à sobrevivência das poéticas da voz. Eis o mito na voz de Siqueira (2018, p. 2):

A história que vou contar foi narração verdadeira de Severino dos Santos, índio aruã da ribeira, dita de forma intimista ao sábio naturalista Alexandre R. Ferreira. Um dia, o velho aruã, sentindo-se triste e só, contou ao sábio esta lenda ouvida de sua avó que fala do nascimento, num fabuloso momento, dos rios do Marajó.

Nesse ponto, a ancestralidade do povo aruã é retomada pela narração e pela voz do presente, e, mais uma vez, revivida, igualmente no cordel de Siqueira. Sob inspiração da musa da memória, o poeta pede passagem para que também sigamos na “igara de Severino”, para que façamos uma viagem no tempo, e façamos contato com um “mundo encantado”. A imagem a seguir presente no cordel de Juraci é um convite para a imersão nesse território do imaginário popular que compreende a travessia de portais, tema recorrente nas mitologia ligadas à pajelança marajoara presente em textos literários como: o romance Marajó, de Dalcídio Jurandir (1992) e O mundo místico dos Caruanas, de Zeneida Lima (2002).



Igara de Severino, Ilustração do cordel

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

A canoa se apresenta como um convite dessa travessia para o outro mundo, tipo de Caronte amazônico ultrapassando portais e chegando em outras dimensões, pois o início do mito, em que se descreve o tempo, ainda não se conhecia a ilha do Marajó, não havia os furos, os rios e os igarapés, apenas um imenso lago, como lemos a seguir:

Naquele tempo, crianças; o mundo era diferente pois o homem não produzia tanto lixo poluente e a Ilha do Marajó não tinha nome e era só dita a Ilha, simplesmente. Porém, não era só nome que a Ilha não possuía: furos, rios e igarapés por lá também não havia. Só tinha um lago gigante renovado a todo instante pela chuva que caía. (Siqueira, 2018, p. 7).

Nesse tempo, o imenso lago abrigava todo tipo de espécie animal, e entre todos os bichos, reinavam ali também as imensas serpentes. A serpente evoca o princípio da criação um arquétipo do Jardim do Éden, onde ela é seu “primeiro deus”; ao mesmo tempo remete-se ao uróboro, que simboliza, na visão de Campbell (1990, p. 47), o ciclo da vida, “desfazendo-se do passado e continuando a viver”. A própria serpente, que em determinados períodos troca de pele e renasce, “é uma imagem da vida” em constante mutação, “e representa a energia e a consciência imortais, engajadas na esfera do tempo, constantemente atirando fora a morte e renascendo” (Campbell, 1990, p. 47). Como explica o estudioso, ainda no âmbito de sua simbologia, “a serpente carrega em si o sentido da fascinação e do terror da vida, simultaneamente [...] a serpente representa a função primária da vida”⁹



As serpentes colossais

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

Mas os ventos sopraram em outra direção, a chuva cessou na região e veio a seca, com ela a ameaça e a morte de várias espécies, segundo o trecho da narrativa:

⁹ Em outras tradições culturais, por exemplo, no povo aborígene, “a serpente Arco-íris aparece em muitas mitologias diferentes, com diversos nomes, como Julunggul, Kumanggur, Ungar Yurlunggar” (Bartlett, 2011).

Foi quando as cobras gigantes, sentindo a morte chegar, em prol da sobrevivência água tentaram encontrar. Com força e fúria tamanhas seguiram de encontro ao mar. Impossível descrever das serpentes o pavor. Cada uma parecia imenso e vivo trator rasga os sulcos no chão indo em qualquer direção alheias à própria dor (Siqueira, 2018, p. 13).

Após esse evento, as serpentes seguiram em direção ao mar, de acordo com o mito, derrubaram tudo o que viram pela frente, abriram passagem por entre as “rochas, árvores e barrancos. Pela sede, enlouquecidas, lutavam por suas vidas levando a morte nos flancos”. (Siqueira, 2018, p. 15). Sobre essa importância do mito da serpente, a partir dos arquétipos, ela é reverenciada em diversas culturas, seja pelos povos originários ou pela tradição hindu do deus Shiva; assim como é marcante na cultura sumeriana, dentre outros povos (Campbell, 1991, p. 49).

A serpente, como mito da fertilidade, compreende a dimensão feminina. A boiúna amazônica está presente no mito da criação de outros povos sul-americanos, como, por exemplo, o povo venezuelano yururo. Neste povo, a serpente é adorada como Kuma, que “ensinou às mulheres tudo o que elas sabem” (Barlett, 2011, p. 238). Ambos os mitos carregam essa responsabilidade de manter a tradição das origens e da ancestralidade. E nesse imenso serpentear, as cobras rasgaram os rios, aos pares ganhavam ainda mais força, derrubaram “a muralha que as separavam do mar”. No encontro entre rio e mar, os rastros deixados pelas boiunas gigantes se encheram de água, e assim surgiram os rios que abundam o Marajó, nas palavras do poeta foi então que dos “rastros das sucuris os igarapés surgiram, dos rastros das boioçus grandes rios emergiram dando vida nova ao lago num doce e líquido afago e em prol da vida se uniram (Siqueira, 2018, p. 17). Essa passagem do cordel em que o mito da criação dos rios da Ilha do Marajó se apresenta pode ser comparado com as imagens dos rios do Marajó, como se verifica na imagem abaixo:



As serpentes criam os rios

Fonte: Cordel – O mito da criação dos rios da ilha do Marajó (Juraci Siqueira)

É a partir da criação dos rios que a natureza se refaz, os bichos tornam à vida, e nesse imenso bioma, a ilha do Marajó triunfa. Contudo, ao final do cordel, a crítica ao progresso é uma chamada de atenção de que o mito também explica a própria realidade, a condição imaginária e real no contexto do Marajó. O mito dialoga com o presente, ao mesmo tempo em que “recupera” as vozes originárias do passado, faz uma chamada para o presente: Por isso é que a nossa gente, vivendo em tempo enganoso, não sabe que cada rio profundo e misterioso que no Marajó se expande, é rastro de Cobra Grande de um passado fabuloso (Siqueira, 2018, p. 21). Essa imagem do rastro da serpente moldada nas dobras dos rios nos lembra o que afirma Bachelard (2003, p. 207), “o rio que serpenteia não é uma simples figura geométrica: na noite mais escura, há claridade suficiente para que o regato deslize na erva com a mobilidade e a destreza de uma longa cobra”.

Loureiro (2001, p. 221) define a mitopoética da Boiúna como um evento único, essa imagem da Cobra Grande é vista como uma “epifania” ou ainda “o visível esplendor invisível do rio”. De certa forma, o autor confirma o que se verifica no cordel de Juraci, que a serpente povoa o imaginário do povo aruã, ainda para o estudioso do imaginário amazônico, a Boiuna é “das criações do fabulário indígena povoador das encantarias do fundo dos rios da Amazônia”. Ainda para Loureiro (2001) e Moraes (2014) há inúmeras variantes e associações do mito: mãe-d’água, navio iluminado, ou como “recriação das mouras portuguesas”, ou seja, Norato, mito que inspirou o livro de Raul Bopp (1994). Nesse sentido, sobre esses aspectos da Cobra Grande:

A luz é o componente essencial da lenda da Boiúna – mãe de todas as águas, no conjunto de elementos que compõem os seus relatos, há inúmeras narrativas desse mito que percorre deslizando os rios da Amazônia: seja como gênio do mal com poder de paralisar os outros animais; seja vagando e devorando o que encontra no caminho (Loureiro, 2001, p. 224)

Por essa lógica, as mitopoéticas existem não só como registros das vozes que nos antecedem, mas também como um profundo diálogo com as matrizes que sobrevivem a força do tempo, também para nos provar que “não estamos sós”, como reitera Siqueira ao final do cordel. Sem dúvida que esses rastros da Cobra Grande nos mostram não só o caminho para o mar ou para a casa, mas também o lugar de onde viemos e para onde queremos ir. Nesse curso, a sobrevivência das mitopoéticas dos povos originários nos ensinam a cada dia novas formas de conhecimento acerca desse legado, como uma forma de resistência contra o discurso colonial que ainda se impõe e fere diariamente as subjetividades, e o legado dos saberes e das poéticas da ancestralidade dos povos indígenas.

Por fim, o cordel de Siqueira termina com um texto de incentivo à formação do contador de histórias, numa tentativa benjaminiana de salvar a experiência dos narradores, a

voz que narra, mas que está quase em vias de extinção. No mesmo cordel constam duas notas explicativas sobre a variante do mito da criação dos rios do Marajó. A primeira nota afirma o seguinte: “Esse mito é baseado num relato do índio Severino dos Santos para o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira e publicado no livro *Viagem filosófica*, vindo à luz em 1976 e reeditado pela editora Valer de Manaus/AM” (Siqueira, 2018, p. 25). Sendo que a variante do mito narrada e recontada pelo poeta cordelista, também inédita, segundo o escritor, aparece primeiramente no livro *Marés - poemas de argila e sol*, editora Cromos, 2010, no poema “Maré Onírica”. Na referida nota, Siqueira afirma ter se inspirado no ensaio: *Novíssima Viagem filosófica*, do historiador e escritor José Varela Pereira. Assim, o mito da criação dos rios do Marajó se entrelaça ao mito da Cobra Grande.

Considerações finais

Ao final deste artigo, notamos que o tema relacionado ao mito de origem da Cobra Grande, no contexto marajoara, compreende o imaginário dos povos originários a partir da voz ancestral da oralidade e, no caso, retomado pela literatura de cordel do escritor Antonio Juraci Siqueira. Embora seja um mito presente no espaço do arquipélago do Marajó, há conexões profundas dessa narrativa com variantes de outros povos em diferentes contextos e culturas. O mito, nesse sentido, se desdobra em outras representações oriundas do espaço amazônico: navios encantados, seres sobrenaturais e imagens da própria geografia marajoara em que ilhas, matas e outros lugares se transformam, miticamente, no domínio da própria Cobra Grande entrelaçada no fluxo dos rios e das navegações.

Referências

SIQUEIRA, Antonio Juraci. O mito da criação dos rios da Ilha do Marajó (cordel). Belém-PA, 2018.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTLETT, Sarah. *A Bíblia da mitologia: tudo o que você queria saber sobre mitologia*. São Paulo: Pensamento, 2011.

BOPP, Raul. *Cobra Norato*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. Com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers. Trad. Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória*. (conto e poesia popular). Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

JURANDIR, Dalcídio. *Marajó*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1992.

LIMA, Zeneida. *O Mundo Místico dos Caruanas da ilha do Marajó*. 6. ed. Belém: Cejup, 2002.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica — uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras editoras, 2001.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de Cartógrafo – Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Trad. Fidelina Gonzáles. Coleção Comunicação Contemporânea 3, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORAES, Raymundo. *O meu dicionário de coisas da Amazônia*. 3. ed. Belém: Cultural Brasil, 2014.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. Trad. de Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR. *Performance, recepção, leitura*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ZUMTHOR. *Introdução à poesia oral*. Trad. de Jerusa Pires Ferreira (et all). Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010.

ZUMTHOR. *Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

Sobre os autores:

Danieli dos Santos Pimentel

Pós-doutoranda em Educação pela Universidade do Estado do Pará. Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará, com período sanduíche no Programa de Pós-graduação em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em convênio com o Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD) entre a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade do Estado do Pará. Integra o Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). Graduanda em Pedagogia pela Universidade da Amazônia (Unama).

E-mail: danielipimentel2013@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9866-2517>

Luiz Guilherme dos Santos Júnior

Pós-doutor em Artes pelo Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional (PROFARTES-UFPA). Doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Teoria Literária (UFPA); especialista em Língua Portuguesa: uma abordagem textual (UFPA); licenciado pleno em Letras (UFPA). Integra o Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA). É professor Adjunto do Curso de Letras-Licenciatura da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Breves/Marajó.

E-mail: lguilherme1973@gmail.com

Recebido: 25/05/2024
Aprovado: 12/06/2024